



O MARIANO

ORGÃO DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS DO COLÉGIO CATARINENSE

Ano VIII

Florianópolis, Maio de 1950

N. 1-2

Marianos Célebres

30. Fiel até a Morte

“... e a defender a Igreja de Jesus Cristo dos ataques da impiedade”. (Regra 1 da CM).

Ao consagrar-se à Nossa Senhora, o congregado assume, entre outras, a obrigação de defender a Santa Igreja. E quantos tomaram ao pé da letra esta última parte da lei básica do sodalício mariano, desde o dia em que aquele grupinho de colegiais, sob a direção do P. Leunis, pronunciou, pela primeira vez, a fórmula da entrega total à Rainha dos Céus!

Entre estes magnânimos defensores da Esposa de Cristo destaca-se o General Pimodan.

Jorge, marquês de Rarécourt de la Vallée de Pimodan nasceu, no ano de 1822, em Paris, onde também entrou na Congregação Mariana. Encontramos seus ancestrais já no século 12, na Argona (França), um dos quais tomou parte nas cruzadas. Outros membros desta distinta família enobreciam-na com seus serviços prestados à Igreja ou ao exército, à pátria como políticos e diplomatas ou às ciências e letras.

Jorge, desde cedo, sentiu-se atraído às armas. Abandonando sua pátria que não necessitava dele, alistou-se no exército da Áustria. Já em 1848, recebeu nomeação para o cargo de Ajudante de Campo do célebre Marechal Radetsky. O ano seguinte viu-o em luta contra os revoltosos húngaros. Na batalha de Moor foi gravemente ferido. Ainda não completamente restabelecido, caiu prisioneiro nas mãos dos rebeldes, sendo encarcerado em Peterwardein. Mesmo na prisão não abandonou a causa adotada. Organizou uma conjuração que deveria fazer cair em poder dos austríacos aquela praça forte. Sua trama, entretanto, foi descoberta e ele condenado à morte. Sua qualidade de cidadão francês, porém, salvou-lhe a vida, e, pouco tempo depois, aqueles cuja causa defendida, libertaram-no. Apesar de sua pouca idade, foi promovido a major e, um tanto mais tarde, a coronel. Em 1855, pediu desligamento do exército austríaco e voltou para a França.

Quando, em 1860, os piemonteses ocuparam partes dos Estados Pontifícios, Jorge de Pimodan não hesitou de oferecer sua espada a Pio IX. O Sumo Pontífice aceitou a oferta, nomeando-o general.

Desde logo o guerreiro mariano distinguiu-se por seus dotes militares, alcançando, em 19 de Maio de 1860, uma vitória sobre os inimigos do Papa e da Igreja.

Entretanto, as forças reduzidas de que dispunham os generais pontifícios, a política egoísta das potências e a semente revolucionária, lançada no coração do povo pela maçonaria e as associações secretas, tornaram bem precária a situação para os papais.

Apesar disto, os defensores da Igreja não desanimaram. Aos 16 de Setembro, o General La Moricière forçou o inimigo a retirar-se de Loretto. Mas dois dias depois, os 5.600 soldados do Papa tiveram que enfrentar os 45.000 de Cialdini.

Os piemonteses ocuparam as colinas na proximidade de Castelfidardo afim de dominar a estrada que levava à cidade de Ancona que



SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO

- Porque tombastes, Cristo Jesus?!
- Para que a juventude se reerga de cada vez, e prossiga!



Do MEU DIÁRIO

7 de Janeiro — Realiza-se a primeira reunião deste ano. O grande calor não torna muito agradável a caminhada até o colégio.

22 de Janeiro — Começa hoje de noite um retiro fechado para Menores. 19 membros da Secção dos Menores tomam parte nele.

28 de Janeiro — É a vez dos Maiores de se retirar. Dos 23 retirantes, 11 pertencem à Secção dos Maiores.

14 de Fevereiro — As CC. MM. do Externato organizam um passeio para a Armação do Sul. O caminhão do colégio, acostumado a toda a espécie de carga (lenha, pedras, víveres, tijolos e bois), leva

mo Pontífice. Os dois generais La Moricière e Pimodan fixaram o ataque às posições inimigas para o dia 18. Às 4 horas da madrugada daquele dia, chefes e comandados prepararam-se para a morte, recebendo a Santa Comunhão. Às 8 horas, Pimodan iniciou o combate.

Tendo conseguido o primeiro objetivo, o de desalojar o inimigo de uma fazenda, transformada em fortim, o General dispôs-se a executar a segunda parte do plano preestabelecido. Dando provas de extraordinária audácia, a

gunda fazenda, arranjada como a primeira. Sempre avançando, é ferido no rosto, mas mantém-se no comando.

Não será, porém por muito tempo. A inferioridade numérica, inexperience de tropas que pela primeira vez se achavam sob o fogo do inimigo e a falta de artilharia obrigam à retirada os soldados pontifícios.

Nesta altura, o General Pimodan cai mortalmente ferido pelas costas. Foi obra do soldado Brambilla, assalariado dos revolucionários.

8 de Março — A nova Diretoria dos Menores toma posse dos cargos.

10 de Março — Dizem que o estribilho nos discursos do Sr. Inspetor do curso ginasial é “Estudai! Estudai!” Os cobradores das contribuições mensais conhecem outro estribilho. “Esqueci! Esqueci!” costumam dizer os “pão-duro”.

8 de Março — A nova Diretoria dos Menores toma posse dos cargos.

10 de Março — Dizem que o estribilho nos discursos do Sr. Inspetor do curso ginasial é “Estudai! Estudai!” Os cobradores das contribuições mensais conhecem outro estribilho. “Esqueci! Esqueci!” costumam dizer os “pão-duro”.

Nesta altura, o General Pimodan cai mortalmente ferido pelas costas. Foi obra do soldado Brambilla, assalariado dos revolucionários.

Escola de Guerra (XLI)

As Regras da CM e a Constituição Apostólica “Bis Saeculari Die”
I. Formação do Apóstolo Leigo.

(Continuação)

As Regras 32-35 garantem a eficiência no apostolado. Esta eficiência baseia-se, em primeiro lugar, na vida espiritual, na vida interior do congregado. Só ela pode inspirar-lhe as forças nas dificuldades e protegê-lo contra um ativismo que perde de vista o destino sobrenatural, e contra toda a sorte de manifestações do egoísmo.

Logo a primeira destas regras, a 32., caracteriza o espírito que deve animar os membros da CM. Pode resumir-se na frase: “Tudo por Deus e por amor de Deus.”

Lemos, neste parágrafo, que as regras da CM “por si não obrigam sob pecado, nem mortal nem venial.” O que se espera do congregado é generosidade, é nobreza de sentimento e convicção, é a liberdade dos filhos de Deus, que não ajam sob pressão, mas dediquem livre e espontaneamente sua vida e sua pessoa ao serviço do Senhor, sob a proteção de Sua Mãe, tomando por norma e directriz estas mesmas sábias regras, aprovadas e recomendadas por tantos Papas, e cuja eficácia é testemunhada pela história dos 4 últimos séculos.

É, portanto, questão de honra a observância das Regras da CM. Mas é também questão de ser ou não ser do congregado. Voluntariamente aceita o congregado as obrigações impostas pelas Regras; livremente, e perante os congregados reunidos ao redor dele, promete observá-las até o fim da vida.

A Regra 33 leva-nos um passo adiante, dizendo-nos, o que deveria ser evidente para cada um que se inscreve nas fileiras marianas, que, para poder trabalhar no apostolado da Igreja, é mister ser católico exemplar. Isto não precisa de explicação ulterior.

Mas uma cousa é de importância capital em nossos tempos, agitados pelo espírito da revolta, caracterizados pela insubordinação e os clamores por uma falsa independência. E é o sentir com a Igreja, submetendo nosso próprio pensar e sentir, em tudo, ao que a Igreja ensina. Não precisamos ter medo de erros e enganos. A história e as mais ciências sempre deram razão à Igreja.

Só por meio de uma absoluta subordinação sob a hierarquia eclesiástica, não unicamente no que se refere às palavras e ações, mas ainda no pensar e sentir, permitirá que o apóstolo leigo seja um auxiliar eficaz. Esta atitude será possível somente como fruto do desprendimento total, do sacrifício integral do próprio querer a sentir.

(Continúa)

filtrara nas colunas papais. A queda do valente chefe é o sinal de bandar. A batalha está perdida.

Aparentemente, triunfaram inimigos da Igreja. Mas, em realidade, quem lhes paga ainda tributo de honra?

O congregado Pimodan, porém, sempre será exemplo da fidelidade a Cristo, à Sua Mãe bendita e



Precedem ao Prefácio a conclusão da Secreta: "Por todos os séculos dos séculos." — sendo estas palavras como as seguintes e o Prefácio rezados em voz alta — a saudação sacerdotal: "O Senhor seja convosco" e os dois versículos: "Para o alto os corações." (respondendo o ajudante: "Já os temos para o Senhor.") e "Demos graças ao Senhor, nosso Deus." (Resp.: É digno e justo.)

A respeito da saudação sacerdotal convém notar o seguinte: Antes do Prefácio, o celebrante não se volta para o povo, como costuma fazer nas outras ocasiões ao pronunciar estas palavras na sta. Misa. É que, com o Prefácio, já começa a parte mais santa, mais solene do sacrifício eucarístico. D'ora em diante, o sacerdote concentra sentidos e mente sobre hóstia e cálice.

Depois começa o Prefácio.

Damos aqui, como exemplo, o Prefácio comum (na tradução de D. Beda Keckeisen, OSB).

"Verdadeiramente é digno e justo, racional e salutar, que, sempre e em todo o lugar, Vos demos

graças, ó Senhor santo, onipotente, eterno Deus, por Jesus Cristo, Nosso Senhor. É por Ele que os Anjos louvam a vossa majestade, as Dominações a adoram, tremem as Pobtestades. Os céus e as Virtudes dos Céus, e os bemaventurados Serafins a celebram com recíproca alegria. Unidos a eles, nós Vos rogamos, mandeis que se juntem as nossas vozes, quando em humilde confissão Vos dizemos: Santo, Santo, Santo."

Meditando este sublime hino de adoração e louvor, perguntamo-nos: Será que inteligência humana foi capaz de compôr obra de tanta beleza? Não devemos supor aqui a cooperação do Divino Espírito Santo cuja assistência foi prometida à Igreja por Cristo Nosso Senhor?

Com que profunda reverência dirige-se a Igreja à Majestade Divina! Que lição para nós que, tantas vezes, não só nos esquecemos de Nosso Criador e Senhor, mas até o ofendemos gravemente, numa temeridade incrível! Se os mesmos Anjos tremem diante da Santidade de Deus, qual deve ser a nossa atitude para com a Divina Majestade, nós que somos pecadores?



— O conselho municipal de Passau (Baviera) proibiu, para o Advento de 1949, todos os bailes públicos aos domingos e dias santos. Também em dias da semana, serão proibidos em salões de propriedade da cidade.

— Papini, o célebre escritor italiano, está ficando cego. Apesar disto, trabalha incansavelmente na sua grande obra "O Juízo Universal".

— Na Hungria, a festa de Natal foi transformada em "festa do pinheiro". (Estão copiando os nazistas?)

— O México possui uma faculdade católica de jornalismo. Esta escola já pôde diplomar seus primeiros alunos.

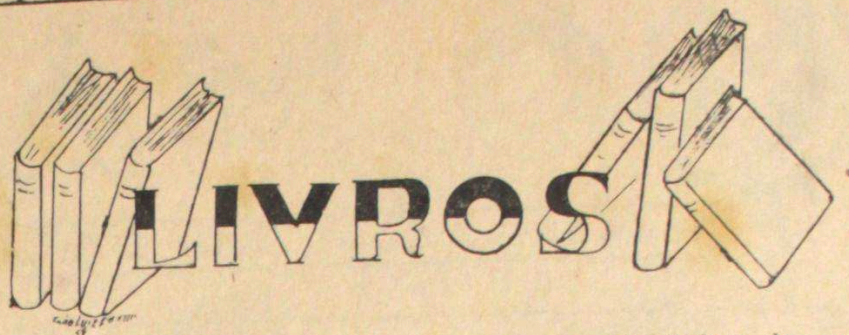
— Apesar da oposição dos comunistas, aprontou-se, em Hollywood, um filme sobre o processo contra o Cardeal Mindszenty. O cardeal húngaro é representado pelo ator Charles Bickford, que fez o papel do vigário em "A Canção de Bernadette".

(Schweiz. Kath. Sonntagsblatt — Wil, Suíça)

— No mês de Outubro P. P. morreu, no Egito, o assim chamado "Mollière egípcio" 50.000 pessoas, em sua maioria muçulmanos, assistiram a seu enterro oficiado

Algumas semanas mais tarde, seguiu-lhe ao túmulo outro grande literato egípcio e católico, Khalil Moutran, conhecido como "O Príncipe dos Poetas". Suas obras já em vida do autor constavam do programa de autores clássicos para o bacharelado. — Graças à ação destes dois grandes homens durante mais de 30 anos na vida de seu país, o catolicismo não pôde chamar-se de estrangeiro no Egito.

— Os comunistas chineses pelo menos não nos deixam em dúvida a respeito do que pensam da Igreja católica. Em "Federation of the Peoples's organization of Shanghai" escrevem: "Os missionários, em especial os da Igreja Católica, são os precursores de uma invasão imperialista... Todas as suas atividades estão dirigidas e sustentadas por chineses pro-imperialistas." E o diário comunista "Man Wai Po", de Hongkong, diz: "É mister tomar em consideração o facto de que o Vaticano tenciona unir todas as nações anti-comunistas numa nova Santa Aliança contra o comunismo. Será preciso tomar precauções especiais neste momento em que o povo chinês se encaminha para a construção de uma nova China. É preciso estar alerta diante das atividades do Vaticano tão amplamente desenvolvidas na China e até o último rincão do Leste e Sul da Ásia."



Ciência e Fé, por Dom Antônio d'Almeida Júnior, Editora S. C. J., Taubaté s. d. — Um dos pretextos mais frequentes que deveriam justificar a falta de fé, ou, pelo menos, a prática dela, é a pretensa incompatibilidade dos resultados das ciências com os dogmas da fé. Até ginasianos há que querem justificar a sua indiferença religiosa com razões científicas! Isto por si só basta para demonstrar o valor de tais razões "científicas". Mas, infelizmente, não se trata somente de mocinhos imberbes que mal são capazes de resolver uma equação de 2º grau, quando se ouve falar nas contradições entre ciência e fé. São muitas vezes homens de ciência que falam assim. Por certo, não são os corifeus do saber humano. Pois estes, na sua quase totalidade, solidificaram a sua religião em consequência dos seus achados científicos.

Entretanto, a mocidade estudiosa, facilmente, deixa-se impressionar pelos ditos dos sábios de meia tigela, já porque servem-lhes de entorpecente da consciência. Tanto a estes como aos demais estudantes dirige-se Dom Antônio com seu livro "Ciência e Fé". Em breves capítulos, o autor mostra as fontes comuns da fé e da ciência, desfazendo desde logo a possibilidade de qualquer discrepância entre uma e outra. Faz mais. Mostra como a ciência se desenvolve e alarga sob a influência da fé. Aduzindo os testemunhos de verdadeiros cientistas, revela a "harmonia entre as leis fundamentais da ciência e da fé." Os dois últimos capítulos resumem toda a matéria: a Igreja

aparece como fundadora das universidades, os grandes centros do desenvolvimento do espírito humano, ao passo que os "Livres-pensadores" nos revelam a causa final da incredulidade: o orgulho. Só podemos desejar que nossa mocidade medite as palavras do ilustre prelado brasileiro.

Do Voo e da Vida, por Charles A. Lindbergh, Edições Melhoramentos, (S. Paulo), s. d. — Quando, há quase um quarto de século, o corajoso aviador Lindbergh, pela primeira vez na história humana, em avião atravessou o Atlântico, foi recebido em triunfo, em Paris. Respondendo a uma saudação disse, naquela ocasião, que o homem agora já não precisava de religião, mas de ciência e de técnica. Os anos passaram, e Lindbergh, como qualquer outro mortal, teve que passar pelas provas dolorosas da vida. Distinguindo-se de tantos outros, o aviador aproveitou as duras lições. Hoje, ele sabe e — o que é mais — tem a coragem de dizer ao mundo inteiro que ciência e técnica não bastam ao homem. Hoje reconhece a fraqueza do ser mortal e sua necessidade de um Deus. O livro em apreço — que, aliás, no estilo revela também o artista — é o produto de um espírito largo, amadurecido na escola da vida.

— Já foi lançada pela Melhoramentos uma nova edição do valioso documento que é o livro de H. Florence: "VIAGEM FLUVIAL DO TIETÉ AO AMAZONAS", depoimento interessante sobre a famosa Expedição Langsdorff ao Brasil Central.

OS PATRIARCAS MARX E ENGELS E OS PROLETARIOS

A "Tribuna da Imprensa", do Rio de Janeiro, na sua edição de 25 de Março de 1950, publica a tradução de um artigo de Christopher Hollis, cujo original apareceu em o "Tablet", de Londres. O conhecido escritor britânico estudou a atitude de Marx e Engels diante do proletariado. Não há dúvida, ambos odiaram os ricos. "Mas pergunta Hollis — teriam amado os pobres?"

Das respostas transcrevemos as seguintes:

— O ódio de Engels para com os ricos não impediu que se misturasse com os capitalistas de Manchester, nem que se unisse a eles no custoso esporte de caça à raposa, atos que justificou perante Marx como sendo uma preparação à revolução comunista. "Nada como cavalgar, isto é, praticar a caça à raposa, que é a verdadeira escola", escreveu a Marx. As oportunidades de Marx com respeito à boa vida foram mais limitadas. Mas quando a ocasião se lhe apresentou, aproveitou-a intensamente. "Primeiro, bebemos vinho do Porto", recorda Thechow, o revolucionário de Baden, que visitou Marx em Londres depois do fiasco de 1848, "depois, Bordeaux, depois champagne. Depois do vinho tinto, Marx estava completamente bêbado".

— Mas não se deve pensar que, porque Marx acreditou que o proletariado estava destinado a derrubar os capitalistas, acreditasse também, como consequência, que os proletários estavam destinados a derrubá-lo a ele próprio. Nem por um instante procurou identificar-se, ou sua família, com eles. Pelo contrário, professava um res-

os cartões de visita de sua esposa rezavam: "Mme. Jenny Marx, 'née' Baronesa de Westphalen", o que, ainda que um tanto exagerado, soava bem.

— Só muito depois foi que um trabalhador autêntico — trabalhador que havia trabalhado com as suas mãos — se filiou ao partido. Chamava-se Weitling, mas foi logo expulso. Se não afastarmos da literatura pública comunista e examinarmos a correspondência privada de Marx e Engels, poderemos descobrir o que realmente pensavam dos operários. "Esses tolos", chamava-os Engels, e também "esses asnos" — "esses trabalhadores estúpidos que creem em tudo". "Sua inteligência era limitada, seu carácter mau, e sua indolência e mesquinhez repugnantes", escreveu de outra feita.

— Os proletários são, nas palavras de Marx e Engels, "os trabalhadores estúpidos", "as bestas", "a rubra turba comunista". "A fim de suplantarmos a aristocracia", declara Thechow — "necessita de uma força que só pode achar entre o proletariado. De modo que criou seu sistema ao redor deles. Mas ri-se dos tolos que aderem às suas litânias proletárias".

— A primeira a desafiar a teoria de Marx, foi sua esposa, com as palavras: "Ninguém ignora que a economia tem uma grande influência na História. Portanto nada que sustenta, é original. Da mesma maneira, ninguém ignora que esta economia não é a única influência que sofre a História. E, tanto o que tu, quanto o que os outros dizem a respeito disso, não só não tem nenhuma originalidade como

POR QUE SER CASTO?

(Tradução)

por Daniel A. Lord, S. J.

Pensar-se-á que quinze mil jovens católicos saberiam a resposta — pelo menos um dos quinze mil deveria tê-la sabido.

Entretanto, de Portland (Oregon) até Boston, de Detroit a San Antonio, ao longo da estrada que me fizeram seguir as convenções regionais das Congregações Marianas, fiz esta pergunta aos delegados e recebi as respostas mais variadas.

"Por que?" perguntava eu, "por que é a Igreja tão severa quanto à castidade pessoal de seus filhos?"

Algumas das respostas que recebi, foram belas: A maior parte delas continham a ideia que a Igreja deseja seus filhos semelhantes a Cristo e a Maria imaculada. Algumas respostas revelaram antes um motivo pagão: A impureza é a estrada que leva a desordens sociais, e as desordens sociais arruinam a vida. Alguns dos jovens tiveram a vaga ideia que Cristo exigiu a pureza nos seus discípulos; daí, todos os filhos da Igreja devem ser puros. Alguns dos delegados queriam ser puros afim de tornar-se dignos de suas mães. Outros desejavam conservar-se castos para levar um amor puro ao altar de Deus.

POR QUE? Mas quando, qual marimbondo, com incômoda persistência, analisava cada uma das respostas, evidenciando que não satisfazia, mostravam-se admirados e um pouco aborrecidos. A maior parte desses jovens estavam tentando, de um modo realmente heróico, guardar a castidade. Sempre causava-lhes ressentimento a objeção que a Igreja católica, na sua insistência na castidade pessoal, era puritana e declarava-se inimiga da alegria humana. Revoltavam-se, quando um mundo cínico calmamente profetizava que não levaria muito tempo, e a Igreja modificaria seus princípios e aceitaria as opiniões modernas sobre a conduta sexual. Sabiam que era importante para eles, ser puro.

Mas **por que** é importante ser puro?

Por que é uma tragédia, quando uma donzela sacrifica a castidade às instâncias de um moço? Por que é especialmente terrível, quando um moço, obedecendo a que lhe parece um impulso natural e talvez irresistível, sacrifica sua castidade?

Por que a Igreja insiste tão tenazmente na pureza sexual — tão tenazmente que ouvi dizer a seus inimigos que os católicos consideram a impureza o pecado único?

Respostas Diversas. Mas aqueles moços não sabiam o que responder a meu persistente "por que?" e devo confessar que seu fracasso neste ponto me inquietou não pouco. Detestava pensar que eu, um sacerdote, que aconselhava jovens a serem puros evidentemente não lhes explicava porque a castidade era tão importante para eles mesmos e para a raça humana inteira. Inquietava-me o verificar que a nossa mocidade católica — e os jovens acatólicos que travam relações com a nossa juventude — obrigada a combater um mundo pagão que está determinado a destruir todo o senso do belo e a dignidade da pureza, não sabia claramente por que estava lutando.

Por isso, contava a esses moços uma parábola. A parábola não é muito boa, mas apresento-a aqui pelo que vale.

A Parábola. Era uma vez, em meados do século passado, um jovem marido que, com sua esposa, tomou o caminho para o oeste primitivo. Montaram sua tenda à sombra de uma encantadora colina. Eram pioneiros. Ele abateu árvores e juntos, homem e mulher, construíram eles sua block-house. Sentiam-se rodeados dos mil perigos da fronteira inexplorada, onde

vam lobos e, ocasionalmente, aparecia um leão montanhês. Mas o homem e a mulher amavam-se, e aí estava seu lar.

No correr de meses nasceu-lhes um bebê.

Ora, claramente, esse bebê nada fizera para eles senão causar-lhes trabalhos.

A mãe carregava, em suas estranhas, o pequeno ser que esperava ver a luz do dia, e sofrera muitos incômodos físicos. A custa de dores terríveis, ela dera-lhe a vida. Para o pai, essa criança era mais uma boca que exigia comida, essa criança que, até agora, nada fizera senão chorar e perturbar o sono de que seu progenitor precisava tão urgentemente no fim de um dia de pesado labor.

Entretanto, para ambos, pai e mãe, essa criança era o ser mais precioso, a coisa mais querida de sua vida. Era mais do que só um pouco de carne, totalmente incapaz de ajudar-se a si mesma. Era um ser humano que, um dia, seria um homem. Herdaria, mais cedo, mais tarde, a terra que eles estavam desbravando e cultivando.

De noite, sentados na fraca e tremulante luz que espalhava a ruide lareira, marido e esposa sonhavam com o que seria, mais tarde, essa criança: um grande explorador; talvez, o governador do estado, se é que essas selvas, ora desabitadas, jamais se transformassem em estado; um pai que seguraria nos braços seu próprio filho, contemplando com amor o pequeno cujo rosto talvez mostrasse traços que relembrassem seu avô, sua avó.

O Ataque. Por isso, mãe e pai trabalhavam mais duramente, mais seguramente construíram contra os perigos do tempo e das tribos selvagens e devotavam suas energias aos cuidados por esse frágil pedaço de vida humana.

Então, nas trevas de uma noite sem estrelas, de repente ouviram os brados dos selvagens, depois tiros de fusis e o zunir de flechas cravando-se no madeirame da casa, onde vibravam como sacudidas por raiva impotente. O pai levantou-se de um salto e agarra o rifle. Num segundo, a mãe está fora da dura cama e segura nos braços o filhinho, servindo o corpo dela de escudo perfeito entre o ente querido e todos os perigos possíveis.

Por uma fresta da janela, o homem força a arma. Pode ver, contra o fundo escuro dos morros, os vultos móveis dos índios que tratam de cercar a casa. E além dos atacantes, lobriza as formas indecisas e os olhos cintilantes dos lobos, coveiros que seguem a trilha proveitosa dos selvagens. Com toda a calma de que dispõe, o homem escolhe um dos peles vermelhas e faz fogo. E de novo, sempre de novo, aperta o gatilho. E, mesmo no ardor da batalha, um pensamento lhe dirige os movimentos: Ele deve salvar seu filho.

Que foi que o filho jamais fez por ele? Nada. O que é que o menino pode fazer por ele agora? Nada, senão talvez agarrar-se a ele, totalmente incapaz de ajudar-se a si mesmo. Contudo, o pai deve proteger a esse filho. Deve colocar-se entre a criança e os selvagens e os lobos de um mundo implacável.

Subitamente, um grito penetrante, na noite de horror; uma descarga de tiros; e o pai, atravessado pela bala de um bárbaro atirador, cai ao pé da janela.

O Corpo um Escudo. Por um instante, a mãe, tomada de pânico e perplexa, não sabe o que fazer. Então, seus instintos maternais tomam conta da situação. Ela deve proteger seu bebê, protegê-lo custe o que custar. Por que? Afinal, ele nada fizera por ela a não ser arrancar lamentações dos lábios dela que lhe estava dando a



NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO

Este quadro, até o 15. século, venerado na ilha de Creta, foi, para subtraí-lo à profanação dos muçulmanos, levado para Roma por um negociante cretense que, em 1499, o colocou na igreja de S. Mateus. Em 26 de Abril de 1866, a pedido dos PP. Redentoristas, o quadro foi transferido para a igreja de St. Afonso de Ligório. — O quadro foi pintado sobre madeira, em estilo bizantino, e pertence aos primeiros séculos do cristianismo. É uma das imagens de Nossa Senhora mais veneradas pelos católicos de todos os continentes.

tentes quanto maior é a fraqueza do pequeno ser. Apesar disso, tudo quanto ela é, seu corpo e sua alma, manda que proteja seu filho. Sua mente age depressa. Se for capaz de escondê-lo, enganar os atacantes, fingindo que ela estava só, os selvícolas talvez se afastassem e deixassem intacto o pequenino.

No momento mesmo em que se lhe apresenta a lembrança, esconde o bebê debaixo de uma manta. Depressa vai até a entrada da cabana, retira o ferrolho e abre a porta de par em par. Então, na escuridão, está aí firme, arrostando a ameaça da noite, de braços estendidos, seu corpo um escudo entre o filhinho e os selvagens e os lobos das selvas. Sabe que, daqui a um momento, as balas hão de rasgar-lhe as carnes. Num sentimento de antecipação percebe o impacto das flechas a zunir. E ela não quer morrer.

Mas todos os instintos de seu coração de mãe imobilizam-na debaixo da porta, forçam-na a fazer de seu corpo uma barreira contra os poderes hediondos que procuram a vida de seu filho.

Heroína. Ela ouve o cortante estampido dos fuzis. Uma dor escaldante queima-lhe o corpo. Cai. Mas mesmo enquanto tomba, observa como os selvagens desistem do ataque e se afastam. E morre contente, sabendo que seu corpo, até o fim, estava entre o filhinho e os selvagens humanos e os lobos bestiais que o teriam destruído.

Orgulhosos, levantamos um monumento a essa mãe pioneira. Sentimos satisfação em chamá-la heroína. Pois morreu, protegendo com sua carne a carne que trou-

que foi digno de sua heróica esposa e do bebê que era seu filho.

Defesa da Vida. Esta parábola, naturalmente, como todas as parábolas, é inadequada e imperfeita. Contudo, creio que sua significação está clara, que ela, realmente, não precisa de explicação.

O todo da atitude católica para com a pureza é uma atitude esplêndida, uma atitude de defesa da vida humana. Tendo declarado que a pureza é o meio de defender a vida humana, talvez tenhamos dito tudo quanto se possa dizer em louvor da castidade; é tudo quanto precisa ser dito.

É difícil acreditar que, hoje em dia, exista alguém tão inexperiente que não saiba que nosso mundo moderno está repleto de selvagens do sexo e de lobos adúlteros. Ninguém que lê as manchetes de nossos diários, percorre os "best-sellers" ou assiste a uma peça popular, pode deixar de reconhecer a existência de homens e mulheres que da vida sexual fazem uma arma para destruir a inocência e que tecem laços aos moços e moças para a satisfação de seus prazeres egoístas.

(Continua)

DAS NOSSAS CONGREGAÇÕES

C. M. N. Sra. do Rosário — Diretorias para 1950

Secção dos Maiores: Presidente: Angelo A. Orofino, 1º Assistente: Francisco Pereira da Silva Neto, 2º Assistente: Juarez Philippi, Secretário Cid Carlos Porto, Tesoureiro: Rodi Hickel.

Secção dos Menores: Presidente: Luiz A. O. da Veiga, 1º Assistente: Jonas J. da R. Luz, 2º Assistente: Rubem D. Carreirão, Secretário: Armando I. Carreirão.

Armando I. Carreirão, Tesoureiro

1. As Cartas

Há, nos colégios, guris que têm uma sorte incrível quando se trata de escapar às consequências funestas de suas estrepolias. E você encontrará, nas escolas, duas espécies de rapazes: uns são simplesmente insignificantes, umas nulidades, e os outros não são assim. Os da primeira espécie, geralmente, são moles no jogo; jogam muitas vezes sem ao menos tirar o paletó. Nunca conseguem fazer parte de uma liga e poderiam sair do colégio a qualquer momento sem que fizessem falta alguma. Mas eu me refiro à outra classe de rapazes, quando digo que alguns têm uma sorte incrível; pois, embora façam exatamente as mesmas coisas que os primeiros e sejam muito vivos e não demasiadamente piedosos, conseguem contudo tirar o corpo fora quando a situação começa a ficar crítica.

Não quero dizer que somente as "nulidades" são piedosas; há uma porção de rapazes nos vários "teams" que são mesmo santos e, apesar disto, joviais e bem alegres. Tome, p. ex., Brian O'Sullivan, que foi Presidente da Congregação Mariana — o que prova que é santo — e é um dos melhores "forwards" no futebol e joga basquete como poucos. Uma só vez ouvi-o soltar um palavrão, e isto foi, quando apanhou uma tremenda canelada, e estou certo que ele disse isto na seguinte confissão. Muitas vezes faz a Via Sacra durante o recreio depois do jantar. Entretanto, os quietos falam tão pouco que você nunca os ouvirá dizer qualquer coisa que fizesse crer que não são bons, e têm medo demais de fazer qualquer coisa.

Há dois modos pelos quais um aluno pode chegar a ver-se em apuros: um, quando é simplesmente questão de má sorte e não há culpa pessoal nenhuma; o outro, quando

alguém faz alguma coisa que sabe ser má ou, que pelo menos, é contra uma regra qualquer.

Os grandes vão dizer-lhe que não é tão ruim apanhar castigo, quando você sabe que não fez nada de mal. Eles mesmos dirão que isto não importa — nem mesmo uma surra-mestra — desde que sua consciência lhe fornecer um atestado de inocência. Mas, os grandes são exquísitos em muitas coisas e, quando eles dizem tais coisas, eu penso que falam assim porque esqueceram como isto é. Em todo o caso, para mim é muito pior quando apanho sem o ter merecido.

Desde que entrei no colégio, há quatro anos, só uma vez me vi em apertos. Naturalmente, não quero dizer com isto que não tivesse tido escaramuças menores uma porção de vezes. Estas são coisas que você simplesmente não pode evitar, principalmente, quando se entra no colégio com dez e meio anos de idade. Por exemplo, fazia apenas um mês que estava no Internato, quando apanhei uma surra do P. O'Reilly, Prefeito da III. Divisão, por ter atirado castanhas no dormitório, de noite, quando deveríamos estar dormindo. O mesmo Prefeito pegou-me, em outra ocasião, quando fumava às escondidas. E não preciso dizer que durante os meus dois primeiros anos, apanhei muitas vezes por falta de comportamento no estudo, e por causa de notas insuficientes nas aulas. Mas tais acontecimentos não são coisa especial; pois ninguém é considerado mau rapaz por causa deles.

Entretanto, uma vez vi-me em apuros, realmente. E sobre isto é que vou falar. Aconteceu apenas no trimestre passado. Estou certo que você dirá que agi como um

O SALTO NO ESCURO

burro autêntico; porém, não me parecia assim naquele tempo.

Era justamente no fim do trimestre, antes do Natal, e todos nós pensávamos unicamente nas férias. Tinha trabalhado bastante durante aquele período a alcançando notas bem boas. O P. Byrne que fora meu professor no Curso Médio, era meu mestre agora no 3º ano. Suponho que ele notava que eu começava a esforçar-me seriamente; pois tinha remediado boa parte de minha antiga malandragem. Por isto, ele mostrou-se muito camarada comigo e ajudou-me muito. É um colosso para dar aos rapazes o que ele chamava "emprego". Um dos guris está encarregado das janelas que tem que abrir e fechar no princípio e no fim das aulas; um outro tem a seu cargo o quadro negro e deve mantê-lo limpo; mais um outro tem que atender à porta da classe. Mas a mim ele me deu o melhor de todos os empregos — o de distribuir as cartas que chegam para os rapazes.

Exatamente no último dia, ao fim das aulas da manhã, o P. Byrne entregou-me um enorme maço de cartas para distribuir. Pelos modos como os colegas se atiravam sobre mim, no corredor, penso que praticamente todos esperavam os cobres para as despesas da viagem para casa. Tanto mais anciava cada um por sua carta porque várias remessas que tinham sido despachadas das resp. casas, nunca chegaram. Ninguém sabia de seu paradeiro. Havia até um boato que acusava a um dos empregados do serviço do colégio de as ter roubado.

A maior parte dos rapazes veio procurar-me e pediram as suas cartas, e eu distribuí todas menos três, pois, não podia encontrar os destinatários. Provavelmente estiveram com o P. Reitor.

Eu estava contente de não precisar demorar-me por causa de cartas, naquele dia; pois tinha que subir ao dormitório, e botar calção e camiseta de futebol afim de ser fotografado com uma das ligas. Meu team — do qual eu era vice-capitão — chama-se os "Bantams" (franguinhos). Enquanto me dispunha para subir, olhava para todos os lados para ver se descobria os três donos das resp. cartas. Não podendo achá-los, pus as cartas no bolso e fui ao dormitório.

Bater o retrato levou um bom tempo; mas era divertido. No momento mesmo quando tomávamos posição, alguém lembrou que deveríamos ter um mascote. O P. O'Reilly que bateu a chapa e gosta muito de especialidades no ramo, mandou-me a mim e mais uns outros para a economia buscar um galo qualquer.

A caça ao galo foi uma coisa esplêndida. Corríamos em todas as direções atrás de galos e galinhas. Afinal pegamos um galo pernillonço de raça especial e corremos ao lugar onde os outros nos estavam esperando.

O retrato não salu lá muito bem — a não ser a corrida para apanhar o bicho — pois não conseguimos fazer com que a besta levantasse a cabeça no momento preciso. Senão fossem as pernas compridas, ninguém suporia a presença da cabeça de um frango no retrato.

Em seguida, nós todos fomos ao dormitório para arrumar as malas e botar a roupa boa. Fazer as malas para poucos dias de férias não leva muito tempo; pois a gente mete apenas as coisas mais necessárias. Como tantos outros, deixei a roupa de que não precisava, pendurada no dormitório. Depois de ter passado o pente pelo cabelo, desci, sem me lembrar de que tinha deixado algumas cartas, aquelas três, no bolso. Esqueci-me delas completamente.

De facto, elas saíram totalmente

por L. H. Croasdale, S. J.

(Tradução)

as tivesse visto. E o mais interessante é que nem mesmo me lembrava delas, quando, ao voltar das férias, o P. Byrne que me encontrou na estrada da estação e veio um bom pedaço comigo, me contou que cartas com valores tinham-se extraviado e que se suspeitava que um dos empregados do colégio as tinha roubado. Muito provavelmente o tal ia ser despachado.

Mas quando me lembrei afinal das cartas, fí-lo da maneira mais estúpida possível. Naquela noite eu me tinha justamente aprontado para me deitar, quando, por acaso, meti a mão no bolso de meu paletó para tirar um lençinho, e — aí estavam as cartas! Estava bem escuro no extremo do dormitório onde se achava minha cama. Por isto, não as pude ver. Mas bastou tocá-las para me fazer lembrar toda esta questão infeliz.

Acho que você não pode imaginar o que sentia eu. Um indizível malestar invadiu meu estômago, e uma espécie de onda de calor subiu-me pelo corpo todo que me fez corar e envolveu meu rosto como num véu de chamas. Uma consolação me ficou: nenhum dos colegas podia ver-me aí. No momento seguinte, assustei-me de tal modo que comeci a tremer como varas verdes. Tive que sentar-me na cama. É uma coisa tremenda cair numa desgraça. E, naquela noite, eu sabia que cairia numa desgraça.

Por muito tempo fiquei sentado aí, sem pensar em qualquer coisa em especial, até que, finalmente, me sentia tão frio que tive que deitar-me e puxar os cobertores.

No princípio, o que me impressionava era somente o facto de eu ter esquecido de distribuir as cartas, e imaginava como seria difícil agora fazer a entrega e as coisas desagradáveis que teria que ouvir.

Eu pensava, também, que o P. Byrne ficaria muito brabo comigo por ser eu descuidado, e que ele me tiraria meu emprego para dá-lo a um outro rapaz. Parecia até possível que ia ser castigado, principalmente, se o Reitor chegasse a saber do caso.

Tudo isto bastava para fazer sentir-me doente. Mas, de repente, um pensamento incomparavelmente mais horrendo martirizou-me como se alguém me picasse com mil alfinetes, de uma vez só: Eu poderia ser acusado — de ladrão, que, de propósito, guardou as cartas para obter o dinheiro mandado com elas para as despesas da viagem. Outras cartas tinham-se desviado, e essas todas seriam postas no meu conto! Lembrava-me também, como o P. Byrne me tinha falado a respeito das cartas no caminho da estação para o colégio. Comecei a pensar que já se suspeitava de mim, e que ele, o P. Byrne, se esforçava por dar-me uma ocasião de confessar minha falta. Se eu confessasse agora e dissesse que tinha me esquecido completamente das cartas, quem acreditaria? Mas, do outro lado, se eu não confessasse, e as cartas fossem achadas, ninguém no mundo inteiro daria fé às minhas afirmações.

Longo tempo, enquanto estava deitado, pensava em todas estas coisas até que fiquei quase louco, e, de fato, acho que estava realmente louco, pois, eu fiz a coisa mais louca que se possa imaginar. Todas as luzes estavam apagadas e os meus camaradas estavam dormindo. Pulei da cama, tirei as cartas de meu bolso e, caminhando rapidamente para o outro extremo do dormitório, atirei-as ao fogo que ardia ali, destruindo-as. Digo que era a coisa mais louca que se podia fazer, porque, caso eu fosse visto, estaria perdido.



Fossari

"Quereis saber o que, na realidade, a vitória da classe operária nos tem trazido? A redução de todos os salários por 20%, a reintrodução da semana de trabalho de seis dias inteiros, o trabalho forçado em domingos e dias santos. Julgamos o nosso dever dizer aos operários do mundo inteiro o que é o comunismo". — Da carta que operários de uma grande fábrica, na Checoslováquia, dirigiram